

REDAÇÕES NO VESTIBULAR: ALGUMAS ESTRATÉGIAS*

CLAUDIA T. GUIMARÃES DE LEMOS**

1. INTRODUÇÃO

1.1. Escolha do tema

Tem-se afirmado que a atuação do vestibulando na prova de redação se situa, em geral, em nível abaixo ao desejável. Para Carone (1976), um dos fatores das inadequações presentes nas redações de vestibulandos é «a dificuldade em ordenar idéias», como, segundo a autora, o indicam «o desconhecimento da maior parte dos instrumentos gramaticais de coordenação e subordinação, a pobreza dos recursos utilizados na construção do período...» (Carone, 1976 : 50) e outros aspectos da atuação do vestibulando na prova de redação.

Do ponto de vista da psicolinguística, as afirmações acima devem ser traduzidas em termos da complexidade da tarefa, que a prova de redação representa para o vestibulando, e das estratégias por ele utilizadas no cumprimento dessa tarefa. Em outras palavras, um resultado aquém do esperado põe em questão a complexidade da tarefa relativamente ao potencial linguístico de que o vestibulando dispõe e, ao mesmo tempo, a baixa eficácia das estratégias utilizadas para suprir a defasagem entre o que é requerido pela tarefa e esse potencial.

A menção feita por Carone do desconhecimento de instrumentos gramaticais de coordenação e subordinação pode ser considerada como uma explicitação dessa defasagem no nível sintático. Do potencial linguístico do vestibulando estariam, portanto, ausentes, segundo a autora, estruturas sintáticas requeridas na elaboração da redação.

Contudo é difícil conciliar a defasagem sintática, que se pode inferir das observações de Carone, com a afirmação corrente na literatura psicolinguística de que o processo de aquisição de estruturas sintáticas básicas se dá, em grande parte, até os quatro anos

(Cf. McNeill, 1966, e outros) e parece estar completo aos onze anos (Cf. Chomsky, 1969). Trabalhos como os de Clancy et al. (1976) sobre a aquisição do inglês, do italiano, do turco e do alemão, demonstram que, dos dois aos quatro anos de idade, emergem e se tornam relativamente estáveis muitos conectivos coordenativos e subordinativos. No que se refere à aquisição do português, Meira (1977) apresenta dados relevantes sobre a coordenação como recursos sintático de coesão na narrativa de 30 crianças de seis anos e Campos (em preparação), sobre o uso de coordenadas explicativas e de subordinadas condicionais na produção oral de crianças de três anos.

A partir das considerações acima, parece que as afirmações de Carone devem ser reformuladas e que talvez se possa concluir que não são os instrumentos gramaticais de coordenação e subordinação que o vestibulando desconhece, mas suas regras de uso no discurso reflexivo escrito. Parece conseqüente a essa reformulação a necessidade de definir a complexidade da tarefa em questão, pela oposição entre o que é requerido do usuário da língua na modalidade oral e o que lhe é requisitado na modalidade escrita. Isso equivale a dizer que o domínio das estruturas sintáticas da língua, domínio esse manifestado na atuação oral, constitui uma condição necessária, porém não suficiente, para o uso dessa estrutura na modalidade escrita.

O que se acaba de expor é, contudo, ainda insuficiente para explicar a atuação inadequada dos vestibulandos na prova de redação, ou melhor, para definir a complexidade da tarefa que a prova de redação representa. Com efeito, é de supor-se que, durante o curso secundário, este tenha sido exposto a textos escritos e, mais ainda, que, durante esse período e, em seguida, em cursos preparatórios para o vestibular, tenha recebido instrução e/ou treinamento com vistas à prova de redação. Seria, portanto, de esperar que tanto a exposição sistemática ao texto escrito, quanto a instrução e/ou treinamento específico para a redação tivessem possibilitado ao vestibulando a transferência e adaptação das regras de uso de determinadas estruturas, subjacentes à sua produção oral, à sua

* Pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas.

** Instituto de Estudos da Linguagem, Departamento de Linguística. UNICAMP.

produção escrita. Por que isso não ocorreu? Em que ponto do processo, que parece iniciar-se por volta dos três anos de idade, se deu a sua ruptura ou bloqueio?

A partir das reflexões acima expostas, pareceu de interesse tomar como tema deste trabalho as estratégias utilizadas pelo aluno face à organização sintático-semântica que dele se exige na prova de redação. Está, pois, na base desta escolha a suposição de que a identificação dessas estratégias possa fornecer subsídios para a formulação das possíveis respostas às perguntas acima.

1.2. Hipóteses

Dessas considerações parecem decorrer duas hipóteses explicativas de inadequações encontradas, em geral, na organização sintático-semântica da redação do vestibulando.

A primeira delas seria a de que, apesar de ter sido exposto a textos dissertativos escritos e de ter recebido instrução e/ou treinamento com vistas à elaboração da redação, o candidato chega ao vestibular sem ter adaptado os recursos sintáticos de que dispõe, e que utiliza na modalidade oral, à produção escrita. As estratégias por ele utilizadas seriam, então, representativas da mera transferência ou aplicação das regras de uso, subjacentes à sua produção oral, à produção escrita, daí resultando inadequações, como as apontadas por Carone.

Com efeito, certas características do discurso reflexivo escrito imporiam essa adaptação. As restrições impostas pelo tema da redação, o número maior de enunciados e, conseqüentemente, de relações entre enunciados, a ausência do interlocutor, ou melhor, das diretrizes que as reações do interlocutor imprimem à continuação do diálogo, são algumas dessas características.

A segunda hipótese seria a de que a instrução ou treinamento que o vestibulando possa ter recebido atuam no sentido de impedir ou bloquear a adaptação «natural» dos recursos sintáticos de que ele dispõe, e que utiliza na modalidade oral, ao discurso reflexivo escrito. Na medida em que essa instrução e/ou treinamento tenham consistido na exposição a texto-modelo ou na utilização de um esquema formal, previamente dado, parece viável a hipótese de que a adoção pelo vestibulando desse modelo, dado ou inferido, venha impedir ou interromper um processo gradual de adaptação. Assim, o candidato ao vestibular enfrentaria a tarefa da elaboração como um conjunto de operações de preenchimento de uma estrutura previamente dada, ou inferida de textos-modelo. Essa estrutura-esquema ou arcabouço — definível como uma articulação de posições vazias — seria preenchida com asserções genéricas ou específicas, construídas a par-

tir das evocações que o título da redação possa sugerir. Isso equivale a dizer que o vestibulando, em geral, operaria sobre um modelo formal pré-existente à sua reflexão sobre o tema. Ou melhor, que a organização sintático-semântica de seu discurso não representaria o produto de sua reflexão sobre o tema, mas, ao contrário, de um arcabouço ou esquema, preenchido com fragmentos de reflexão ou evocações desarticuladas.

1.3. Objetivos do trabalho

São, portanto, objetivos deste trabalho, o levantamento das estratégias utilizadas pelo vestibulando na organização sintático-semântica de sua redação, e sua identificação como estratégias de aplicação de regras de uso na modalidade oral ou como estratégias de preenchimento de um arcabouço previamente dado ou inferido.

1.4. Conceituação de estratégia

É com base na maior complexidade da modalidade escrita relativamente à oral e, dentro da modalidade escrita, do discurso dissertativo ou reflexivo, relativamente a outros tipos de discurso, que se definirá aqui a noção de estratégia.

Embora não se disponha de dados sobre a atuação dos vestibulandos de 1976 (CESCEM) no que se refere a outros tipos de discurso como, por exemplo, o narrativo, parece lícito afirmar a maior complexidade do discurso dissertativo ou reflexivo relativamente àquele. A hipótese de uma maior complexidade do discurso dissertativo parece associada à exigência de distanciamento (ou decentração) do contexto imediato, ou contexto da experiência particular ou pessoal, que ele representa. Em outras palavras, à elaboração do genérico a partir de fatos singulares a que este tipo de discurso obriga. Além desse processo de decentração, que decorre da natureza demonstrativa do discurso dissertativo, seu compromisso com a retórica, ou com a intenção persuasiva, impõe a manipulação de um sistema de pressuposições sobre o conhecimento do interlocutor que, dadas as condições da produção escrita, se torna problemática.

Na literatura psicolinguística, o termo *estratégia*, apesar da multiplicidade de sentido que tem acarretado seu uso em contextos muitos diversos¹, tem sido, de maneira geral, utilizado para designar operações de natureza psicológica que podem ser inferidas de regularidades encontradas na produção e/ou compreensão

1 Ver, a propósito, Bever (1970) sobre estratégias perceptuais na compreensão de sentenças por crianças e adultos; Slobin (1973) sobre estratégias perceptuais e cognitivas explicativas de características de estágios iniciais de aquisição de linguagem; e ainda Erwin-Tripp (1972) e outros.

verbal, adequada ou não, da criança e do adulto. É contudo, apenas no trabalho de Halliday (1975) sobre aquisição de linguagem que se encontra uma noção mais refinada de estratégia, noção esta que se revela de maior utilidade, dados os objetivos propostos para este trabalho.

Ao afirmar que:

"... from the child's point of view learning how to mean is like learning any form of activity. It is something he has to master and it has to be broken down into manageable tasks".

(Halliday 1975: 134)

e que:

"the functional system with the child is operating at any given moment acts as a filter on the semantic input, so that he processes just those elements which are consonant, or resonant, with this semiotic potential at that time".

(Halliday 1975: 134)

este autor reconhece a defasagem entre o sistema de que a criança dispõe e o sistema que lhe possibilitaria cumprir certas tarefas comunicativas. É no contexto desse reconhecimento que Halliday define o que denomina estratégias semióticas, a saber, estratégias que asseguram à criança possibilidade de utilizar o sistema de que potencialmente dispõe, enquanto ainda o está construindo, e de construí-lo e desenvolvê-lo através desse uso.

Dentre as estratégias que esse autor aponta como explicativas de certas recorrências, constatadas no comportamento verbal de uma criança, há um tipo que interessa particularmente a este trabalho. Trata-se da estratégia reparatória que, segundo o autor, é utilizada pela criança, e nem sempre com sucesso, para remediar uma falha consequente à defasagem mencionada entre o sistema de que dispõe e o que é exigido pela complexidade da tarefa.

Apesar de ter sido usado para designar uma operação inferida do comportamento verbal oral de uma criança, a expressão **estratégia reparatória** parece a mais adequada para designar, no contexto deste trabalho, as operações inferidas do comportamento verbal escrito do adolescente-vestibulando. Como acontece à criança, quando faz uso das estratégias reparatórias mencionadas por Halliday, também aquele se defronta com uma tarefa para cuja execução não está preparado, lançando mão, então, dos recursos de que dispõe, a despeito de sua maior ou menor eficácia.

A partir das considerações acima, convém reformular os objetivos propostos, explicitando-os como a identificação das estratégias reparatórias, utilizadas pelos sujeitos na elaboração da prova de redação do vestibular de 1976.

2. Revisão da literatura

Os objetivos acima expostos colocam este trabalho em uma linha de preocupação com a produção verbal escrita de falantes nativos do português e de outras línguas, que parecem, até o momento, ignoradas ou distanciadas dos interesses dos investigadores da área de psicolinguística.

Com efeito, com exceção da noção de estratégia, que se utiliza neste trabalho, muito pouco se pode tomar da literatura psicolinguística como subsídio para a descrição e o entendimento do fenômeno delineado nos itens precedentes. Pesquisas como as de Hunt (1970) e Richardson et al. (1976) que visam à avaliação da maturidade sintática através da aplicação do MTUL («Minimal Terminal Unit Length» — cálculo do número de vocábulos contidos num período) à redação de escolares do curso primário e secundário, representam análises estritamente quantitativas. Enquanto tentativas de avaliação de maturidade sintática, tais pesquisas ignoram um ponto de vista qualitativo que imporia a necessidade de, pelo menos, uma análise de desvios.

Algumas críticas foram feitas ao MTUL como índice de desenvolvimento sintático. Rosen (1969), por exemplo, demonstrou, com base na produção escrita de sujeitos de 15 e 16 anos, que a estrutura sintática do período é dependente da natureza da tarefa e do tipo de discurso. Sua posição encontra apoio em dados anteriores obtidos por Anderson (1939), que constatou na produção escrita de sujeitos de 15 a 16 anos a maior flexibilidade no uso de recursos sintáticos na narrativa de ficção, relativamente a outros tipos de discurso. Ambos os autores fornecem, portanto, evidências para as observações feitas em itens anteriores sobre os graus de complexidade inerentes a cada tipo de discurso.

3. Metodologia

Tendo em vista os objetivos do trabalho, procurou-se levantar as construções coordenativas e subordinativas recorrentes em um corpus de 59 redações² de candidatos da área Biomédica — CESCEM — no vestibular de 1976. Para isso procedeu-se ao levantamento e fichamento de três tipos de relações, a saber:

- i. relações entre sentenças do mesmo período, fichadas como ocorrências do tipo A;
- ii. relações entre períodos no mesmo parágrafo, fichadas como ocorrências do tipo B;
- iii. relações entre parágrafos, fichadas como ocorrências do tipo C.

² Eliminou-se do corpus original a redação de um candidato estrangeiro cujo domínio apenas parcial do português não permitia a produção de enunciados inteligíveis.

No nível das relações entre sentenças, foram classificadas, segundo critérios sintático-semânticos tradicionais, as ocorrências com nexos explicitados por conectivos coordenativos e subordinativos. Deixaram-se, contudo, de lado as sentenças que a gramática tradicional denomina subordinadas substantivas e subordinadas adjetivas, que parecem constituir recursos sintáticos menos relevantes na organização sintático-semântica do discurso reflexivo escrito. As ocorrências do tipo A foram, portanto, isoladas, como a seguir exemplificado, em classes de

aditivas:

«Ecólogos e outros cientistas nos afirmam que a espécie humana está ameaçada a desaparecer daqui a alguns séculos e o homem cada vez mais destrói e se afasta de tudo e do mundo» (A-327)

explicativas:

«Nenhum homem consegue se marginalizar, pois nenhum homem é uma ilha» (A-6)

adversativas:

«Nenhum homem é uma ilha, mas sim, um mundo interior, um jeito todo especial de viver...» (A-66)

conclusivas:

«Assim é o homem; vive em conjunto, vive em comunidade para que possa sobreviver mais e mais, portanto, tanto o homem depende da sociedade como esta depende dele» (A-104)

alternativas:

«Estas (ilhas) podem ser desertas ou apresentam vida animal e vegetal...» (A-103)

condicionais:

«Porque se fossemos preso e cercado por alguma coisa, jamais seríamos o que somos» (A-195)

causais:

«Desde os tempos remotos, o homem vem se agrupando porque ele sabe que isolado não terá meios para sobreviver» (A-212)

finais:

«O homem vive em comunidade, a fim de encontrar um meio melhor para sobreviver» (A-225)

temporais:

«O homem desde que existe na terra, sempre teve uma tendência» (A-273)

comparativas:

«O que faz o homem sentir-se como se fosse uma ilha, talvez seja a falta de amor» (A-236)

concessivas:

«Nenhum homem é uma ilha qualquer perdida por esses oceanos que completam nosso Globo Terrestre, mesmo que seja grande ou pequena» (A-302)

modais:

«... cada nova descoberta feita deve ser aplicada de forma a uma melhoria geral» (A-317)

consecutivas:

«... porque o homem é gente demais para esquecer o conforto...» (A-318)

gerundivas e participiais, como por exemplo:

«Na solidão o homem se perde da sociedade não demonstrando seu fruto e não desfrutando seus prazeres que lhe são atribuídos para viver». (A-137)

«Superado esse momento, muitas vezes, ele tende a se fechar e preservar-se, não instintivamente, frente a seus pares». (A-109)

Foram isoladas em classes distintas, independentemente da relação semântica, que exprimem e partilham com as demais classes, dada a importância quantitativa da primeira no corpus.

No nível das relações entre períodos no mesmo parágrafo, procedeu-se ao levantamento e classificação de ocorrências, segundo o tipo de relação semântica que os períodos mantinham entre si, relação esta explicitada ou não por conectivo. Ao mesmo tipo de levantamento e classificação foram submetidas as relações entre parágrafos.

Simultaneamente ao levantamento e classificação das relações nos três níveis discriminados, procedeu-se à separação e contagem das ocorrências que representavam erros ou desvios dentro de cada tipo de relação e de acordo com sua posição no período, no parágrafo e no conjunto de parágrafos. Definiu-se erro ou desvio como a discordância ou incompatibilidade entre a relação semântica afirmada pelo conectivo, ou inferido da presença de certos constituintes das sentenças, períodos e parágrafos, e o conteúdo das sentenças, períodos ou parágrafos postos em relação. Um exemplo de desvio, assim definido, é o uso do conectivo pois como pseudo-nexo entre sentenças que, na verdade, mantêm entre si uma relação tautológica ou de quase sinonímia, ou das quais não se pode depreender qualquer relação semântica.

Não foram consideradas como desviantes as ocorrências, bastante numerosas, de relações, que se poderiam denominar fracas ou «frouxas», como por exemplo:

«Nenhum homem pode viver isolado como se fosse uma ilha; não consegue». (A-61)

«Usemo-nos a inteligência, com esforço e boa vontade pois é uma graças que Deus nos deu». (A-57)

«Desde que o homem surgiu na face da terra, tudo é novo é belo à ele». (A-272)

4. Apresentação e análise dos dados

Os resultados do levantamento e classificação das ocorrências, acima discriminadas, estão representados

nas Tabelas I a VIII, seguindo-se a cada uma delas a análise que se julgou pertinente.

4.1. Tipos de relações entre sentenças de um mesmo período, frequências de ocorrências e desvios.

Na Tabela I, tem-se a distribuição das sentenças coordenadas e subordinadas do corpus.

TABELA I
DISTRIBUIÇÃO DE COORDENADAS E SUBORDINADAS NO CORPUS

Tipos	Freq.
Sentenças Coordenadas	364
Sentenças Subordinadas	732
TOTAL	1.096

A alta frequência de subordinadas nele indicada é um dado a ser analisado conjuntamente com os registrados na Tabela II.

TABELA II
RELAÇÕES ENTRE SENTENÇAS EXPRESSAS COM CONECTIVO, POR GERUNDIVAS E POR PARTICIPIAIS

Tipos	Freq.	Freq. de Desvios	% de Desvios
Aditiva	83	4	5
Gerundiva	69	19	28
Explicativa	65	25	38
Final	51	5	10
Adversativa	36	12	33
Condicional	29	9	31
Comparativa	19	3	16
Concessiva	17	0	—
Temporal	15	3	20
Conclusiva	4	1	25
Causal	10	3	25
Participial	3	1	30
Alternativa	2	1	50
Consecutiva	2	1	50
Modal	1	0	—
TOTAL	406	87	21

Na Tabela II estão registradas as ocorrências de vários tipos de subordinadas. Deles o mais frequente é a subordinada gerundiva, a qual, porém, apresenta uma porcentagem de desvios relativamente alta.

Tanto o predomínio de subordinadas em geral, indicado na Tabela I, como o das gerundivas, entre os tipos de subordinadas, registrados na Tabela II, não parecem resultar de estratégias de transferência ou aplicação de regras de uso características da modalidade oral à modalidade escrita.

Na verdade, ambos os fatos podem ser tomados como demonstrativos de que o vestibulando tende à utilização de estratégias de preenchimento de um modelo de período.

A preferência pela subordinação, como recurso sintático no estabelecimento de relações entre sentenças, não está, na verdade, associada a seu uso adequado, como a porcentagem de desvios o demonstra.

Por outro lado, a tendência à utilização de um tipo de subordinada como a gerundiva que, dada sua neutralidade semântica, pode ser considerada como uma *cover-relation* ou como uma subordinada genérica, também não coexiste com seu uso adequado. Além disso, note-se que das 69 ocorrências desse tipo de subordinada 27 seriam parafraseáveis como aditivas e 17 como subordinadas modais.

As considerações acima parecem favorecer à visão de que o uso da subordinação, pelo menos em um grupo de sujeitos, não parece resultar de uma necessidade de organização do conteúdo, mas se constitui num artifício meramente formal.

Das relações estabelecidas por coordenação, representadas na Tabela II, é a frequência mais alta das aditivas e explicativas, estas seguidas pelas adversativas, que merece comentários. Na verdade, o grande número de ocorrências de aditivas e a pequena porcentagem de desvios que esta classe apresenta, contrastam seu uso com o das explicativas, também de alta frequência, mas com uma porcentagem de desvios significativamente maior. Isto parece poder ser explicado pelo fato de a relação aditiva entre sentenças constituir um recurso mínimo de coesão, presente também no discurso narrativo, oral e escrito (Ver Osakabe, 1977; Meira, 1977), passível mesmo de ser considerado como ontogeneticamente primitivo (Ver Lemos, 1975).

O mesmo não se aplica às explicativas, que apresentam a mais alta porcentagem de desvios, depois das adversativas. É interessante notar que estas duas classes de relações podem ser consideradas como características do discurso dissertativo. (Ver Vigner, 1974). As primeiras, por constituírem justificativas de asserções prévias; as adversativas, por constituírem, em geral, negação de pressuposição contida na asserção prévia, com uma função, por conseguinte, delimitadora do escopo da asserção.

A frequência das explicativas e, secundariamente, das adversativas, levaria a supor o domínio pelo sujeito

de recursos sintáticos adequados ou consonantes com o caráter demonstrativo do discurso dissertativo. Porém a alta percentagem de desvios, que caracteriza ambas as classes no «corpus», parece apontar para o preenchimento aleatório das posições sentenciais, criadas pelo uso do conectivo explicativo e adversativo.

Na Tabela III, acha-se representado um outro aspecto das relações entre sentenças no período, a saber, o número de ocorrências de períodos de 2 ou mais sentenças e as ocorrências de desvios em cada uma das posições possíveis na seqüência de sentenças do período.

TABELA III

POSIÇÃO DOS DESVIOS NAS RELAÇÕES ENTRE SENTENÇAS, EXPRESSAS POR CONECTIVO, POR GERUNDIVAS E POR PARTICIPIAIS

Posição	Freq.	Freq. de Desvios	% de Desvios
Da 1ª para a 2ª	149	37	25
Da 2ª para a 3ª	108	25	23
Da 3ª para a 4ª	68	12	17
Da 4ª para a 5ª	40	7	17
Da 5ª para a 6ª	30	5	17
Da 6ª para a 7ª	10	1	10
Da 9ª para a 10ª	1	0	—
TOTAL	406	87	21

Como indica a Tabela III, a tendência do vestibulando parece ser a de construir períodos de 2 ou 3 sentenças, tendência esta que não garante a adequação das relações estabelecidas entre elas. Note-se que a maior percentagem de desvios ocorre precisamente nas relações entre a primeira e a segunda sentença (25%) e entre a segunda e a terceira sentença (23%). A partir dessas posições, a percentagem de desvios decresce.

O fenômeno que se acaba de apontar pode ser considerado como mais uma evidência desfavorável à hipótese de que as inadequações, encontradas no uso de recursos sintáticos, no nível do período, sejam determinadas pela utilização de estratégias de transferência da modalidade oral. Como foi dito acima (Cf. 1.4), parece lícito afirmar que os enunciados orais apresentam períodos mais curtos que os utilizados na modalidade escrita. Conseqüentemente, uma evidência a favor da hipótese acima seria a presença de um menor número de desvios, nas primeiras sentenças do período, o que, como o demonstra a Tabela III, não se verifica.

4.2. Tipos de relações entre períodos no mesmo parágrafo, freqüências de ocorrências e desvios

Na Tabela IV procurou-se representar os tipos de relações detectadas entre os períodos de um mesmo parágrafo, segundo um critério principalmente semântico, já que foram consideradas relações não explicitadas por conectivos, mas passíveis de serem depreendidas de um ou mais constituintes dos períodos postos em relação. É de notar, sob esse aspecto, que apenas 40 das ocorrências analisadas apresentavam conectivo explícito.

As relações semânticas constatadas levaram à definição de classes de aditivas, explicativas, conclusivas, adversativas, de conseqüência, exemplificação, de comparação, concessivas, de seqüência temporal, além de uma classe de enunciados justapostos não-interpretáveis.

A primeira observação, que cabe fazer relativamente às ocorrências representadas na Tabela IV, diz respeito à maior percentagem de desvios que se constata nas relações entre períodos comparativamente à encontrada entre sentenças. Mesmo a relação de adição, que parece não oferecer nenhum problema no nível das relações entre sentenças, é atualizada, neste caso, com um número significativamente alto de desvios.

Outro resultado, representado na Tabela IV, e que também evidencia uma maior dificuldade do vestibulando, no nível das relações entre períodos, é a ocorrência de unidades, quer justapostas, quer ligadas por conectivo, das quais não foi possível depreender qualquer relação semântica.

TABELA IV

RELAÇÕES ENTRE PERÍODOS

Tipos	Freq.*	Freq. de Desvios	% de Desvios
Aditiva	71 (4)	21	30
Explicativa	44 (9)	14	32
Conclusiva	15 (6)	4	27
Adversativa	13 (3)	8	62
Conseqüência	15 (8)	2	13
Exemplificação	9 (3)	1	11
Seqüência Temporal	4 (4)	0	—
Comparação	2 (0)	1	50
Concessiva	1 (1)	1	100
Não-Interpretáveis	11 (2)	11	100
TOTAL	185 (40)	63	34

* Os algarismos entre parênteses representam o número de ocorrências de conectivos como nexos explícitos entre períodos do mesmo parágrafo.

Do ponto de vista das relações semânticas predominantes, o que a Tabela IV parece demonstrar é o que já se evidencia na Tabela II, a saber, a maior frequência de aditivas e explicativas, estas últimas com uma porcentagem de desvios ainda mais alta que a das explicativas no nível sentencial.

Se se toma em consideração a predominância de relações aditivas e explicativas, nos dois níveis analisados, parece possível propor a existência de um modelo subjacente à construção do parágrafo que é, pelo menos parcialmente, idêntico ao de período. A hipótese de que esse modelo ou arcabouço seja um elemento de mediação entre o tema e a reflexão sobre o tema, portanto pré-existente à reflexão, parece também ser corroborada pela alta porcentagem de desvios encontrados nessas relações semânticas predominantes. A alta frequência de desvios nas explicativas sugere que, pelo menos, um grupo de sujeitos, manipule relações pseudo-explicativas.

Contudo, a hipótese acima parece insuficiente para explicar a maior dificuldade que as relações entre períodos, no mesmo parágrafo, representam para o vestibulando, comparativamente às relações entre sentenças.

Poder-se-ia associar esta maior dificuldade ao fato de ser o parágrafo uma unidade característica da modalidade escrita e, então, considerar as inadequações encontradas como determinadas pela utilização das estratégias de transferência de regras de uso da modalidade oral à escrita.

Porém, na medida em que a interpretação acima implica uma dependência entre porcentagem de desvios e posição do período no parágrafo, isto é, que um maior número de desvios ocorra nos períodos, que ocupam posições não iniciais no parágrafo, ela também se revela insuficiente. Na verdade, essa correlação não foi encontrada, conforme demonstra a Tabela V.

TABELA V

POSIÇÃO DOS DESVIOS NAS RELAÇÕES ENTRE PERÍODOS

Posição	Freq.	Freq. de Desvios	% de Desvios
Do 1º para o 2º	105	35	33
Do 2º para o 3º	37	10	27
Do 3º para o 4º	27	12	44
Do 4º para o 5º	9	3	33
Do 5º para o 6º	5	2	40
Do 6º para o 7º	1	1	100
TOTAL	185	63	100

4.3. Tipos de relações entre parágrafos, frequências de ocorrência e desvios

Na Tabela VI, em que se procurou representar os tipos de relações entre parágrafos, as frequências de ocorrências e desvios, deve-se chamar a atenção, em primeiro lugar, para a porcentagem de desvios encontrados, um pouco maior que a constatada nas relações entre os períodos e significativamente maior que a constatada nas relações entre sentenças. Isso parece resultar do maior número de desvios ou inadequações com que foram atualizadas as relações semânticas predominantes, a saber, as aditivas, conclusivas e explicativas, relativamente aos outros dois níveis.

Do ponto de vista das relações semânticas predominantes, excetuando-se as conclusivas, observa-se, nas relações entre parágrafos, um fenômeno paralelo ao observado nos outros dois níveis analisados, a saber, a predominância de aditivas e explicativas.

O grande número de conclusivas, por sua vez, parece explicável pelo fato de atualizar-se, no nível da relação entre parágrafos, o conteúdo conclusivo, que caracteriza a terceira posição na estrutura tripartida — introdução, desenvolvimento, conclusão —, que, embora apenas formalmente subjacente, conforme o número de desvios, caracteriza grande parte das relações.

TABELA VI

RELAÇÕES ENTRE PARÁGRAFOS

Tipo	Freq.*	Freq. de Desvios	% de Desvios
Adição	99 (4)	45	45
Conclusão	53 (7)	24	45
Explicativa	51 (2)	19	37
Adversativa	34 (13)	14	41
Consequência	28 (9)	4	14
Exemplificação	9 (0)	—	—
Comparação	4 (4)	—	—
Pergunta e Resposta Retórica	5 (0)	—	—
Não Interpretáveis	5 (0)	5	100
TOTAL	288 (39)	111	39

* Os algarismos entre parênteses representam o número de ocorrências de conectivos como nexos explícitos entre parágrafos.

Na Tabela VII, constata-se a tendência do vestibulando a redações de 6 a 7 parágrafos, porém não fica demonstrada a correlação entre a porcentagem de desvios e a posição do parágrafo no texto.

TABELA VII
POSIÇÃO DOS DESVIOS NAS RELAÇÕES
ENTRE PARÁGRAFOS

Posição	Freq.	Freq. de Desvios	% de Desvios
Do 1º para o 2º	56	16	28
Do 2º para o 3º	54	17	31
Do 3º para o 4º	49	18	37
Do 4º para o 5º	38	17	45
Do 5º para o 6º	30	19	64
Do 6º para o 7º	29	11	38
Do 7º para o 8º	19	5	26
Do 8º para o 9º	7	4	57
Do 9º para o 10º	5	3	60
Do 10º para o 11º	2	1	50
TOTAL	288	111	39

4.4. Tipos de desvios, sua frequência e distribuição por tipo de relação

Antes de proceder à interpretação ou discussão dos dados representados na Tabela VIII, cabe definir e exemplificar os vários tipos de desvios constatados em enunciados do corpus.

Ao tipo de desvio que se denominou *nonsense* correspondem relações entre sentenças, períodos e parágrafos em que um elemento (sentença, período ou parágrafo) é justaposto ou ligado por conectivo a um elemento Y do mesmo nível (sentença, período ou parágrafo), sendo o conteúdo de X incompatível com o conteúdo de Y.

Exemplos desse tipo muito freqüente de desvio são:

«Mas o homem não é uma ilha porque nunca eles são totalmente nossos». (Eles: os homens) (A-10).

«Antigamente o homem era ou quase era considerado uma «ilha», porque as mulheres não viam a hora de casar». (A-11)

«Mas pode às vezes estar cercado de pensamentos, palavras e obras, dando assim o sentido de grande liberdade e não ser apenas uma ilha». [Sujeito da primeira sentença: O homem]. (A-329)

«Uma ilha: um amontoado de terra cercado de água por todos os lados. O que pode o mundo fazer pelo homem?» (B-120)

«Nenhum homem vive só, ninguém consegue ficar isolado, longe de tudo e de todos, porque o homem é gente demais para esquecer o conforto e a luta que enfrentou para quase atingir a plenitude. A solidão é triste, mas nem sempre faz mal a nossos espíritos». (B-61)

«Meios estes que nos colocam em comunicação direta com todo o mundo. São os transportes aprimorando-se cada vez mais». [Meios: rádio, televisão, etc.] (B-142).

«Portanto, quando faço ou penso em fazer alguma coisa, devo levar em conta que sempre alguém sofrerá alguma consequência disto. Desta maneira nunca teremos o mérito exclusivo de algum grande feito». (B-28)

«Certo, que ela (a filha) possua uma natureza, lugar onde se estaciona imóvel, aliás, sem condenação independente.

Nós, instáveis, possuidor da inteligência e, consequentemente, jamais poderíamos sofrer uma reforma ou deformação fisiológica e psicológica, construir uma nova estrutura um novo alicerce». (C-131)

Ao tipo de desvio que se designou por 'circular', correspondem relações entre sentenças, períodos ou parágrafos, em que um elemento X (sentença, período e parágrafo) é justaposto ou ligado por conectivo a um elemento Y do mesmo nível ou classe (sentença, período e parágrafo), sendo o conteúdo de Y total ou parcialmente idêntico ao de X.

São exemplos deste tipo:

«Mas, se encararmos o homem como ilha, cercado de meios comunicantes por todos os lados, vemos que é realmente o que acontece». (A-200).

«E a tendência é cada vez mais ele se isolar e ir-se tornando uma ilha, ficando isolado de tudo e de todos». (A-133)

«Deve haver a união, a união mesmo hipócrita, a união vazia, sim, mesmo aquela que pouco tem a nos oferecer e há as gratificantes, mas deve haver união». (A-86)

«Um homem não pode chegar a tal primitivismo: ser uma ilha. Um homem não é uma ilha. Não pode ser». (B-85).

«Ele necessita expor suas idéias e ouvir a dos outros. Enfim, que haja o diálogo». (B-16)

«Buscar no meio uma maneira de se comunicar é o grande anseio que o homem cultiva desde a sua existência como ser humano.

O homem necessita se comunicar, pois dele depende a sua própria sobrevivência. Tão grande é a sua ansiedade em se comunicar». (C-170)

Outro tipo de desvio é o que resulta da colocação de uma unidade menor (sentença ou período) fora da unidade maior (período ou parágrafo), em que seria gramaticalmente aceitável, ou numa unidade maior (período ou parágrafo), quando, na verdade, suas características sintáticas e/ou semânticas a põem em relação com uma unidade maior (período ou parágrafo) precedente ou subsequente.

Exemplos deste tipo são:

«Sendo a Comunicação e o Desenvolvimento, objetivos principais de uma população o homem estaria contrariando-a. Se fosse uma ilha, cercado de idéias e não tendo nenhum poder de transmiti-las e aproveitá-las». (A-192)

«Sendo divididas em fluviais e marítimas». [Sujeito provável: ilhas.] (A-132)

«Lugares verdes e de lazer são cada vez mais procurados e lugares onde a poluição age são frequentes as fulgas populacionais. Outro aspecto que torna o homem diferente de uma ilha é a comunicação». (B-32)

«Não querendo o que está a sua volta pode estar certo, se ele acordar desse mundo de sonhos. Ele vai sentir que o mundo que ele criou é tão diferente do qual vivemos, vai sentir um fraco». (B-51)

«Geralmente ocorrem entre elas (antecedente: família) as brigas e discussões que são causadas por esses motivos.

E a tendência é cada vez ele (o homem) ir-se tornando mais uma «ILHA», ficando isolado de tudo e de todos». (C-49)

Dentre os tipos de desvios, menos frequentes que os acima caracterizados, os quais foram agrupados sob 'outros' na Tabela VIII, devem-se mencionar:

1º) Os que representam uma mudança abrupta de tópico de uma unidade (sentença, período e parágrafo) para outra e que poderiam ser considerados como de menor grau de incompatibilidade, relativamente ao tipo designado por nonsense, como por exemplo:

«Nem tão pouco na emensidão (sic) do mundo, ele se curva diante de outro ser, defendendo sua sabedoria e procurando aquilo que melhor lhe convier». (A-158)

«Este, não só desenvolve a sua cultura e sim, traz-nos uma criatividade de noção e segurança do que se faz». (A-328)

«Esqueceu-se que temos sentimentos, que carecemos do diálogo e compreensão, vivermos uns aos outros, este foi o dom que recebemos. Mas são levados pelo progresso, pelas máquinas, que cada vez mais sofisticadas vão à busca da destruição de seus próprios criadores». (B-3)

«É de importante destaque também as rodovias que estão sendo criadas no Brasil com a finalidade de ligar todas as regiões de nosso país.

E o homem continua...

Na educação, um órgão de real importância foi organizado: o Mobral». (C-142)

2º) O uso de um conectivo que afirma uma determinada relação semântica, ligando unidades (sentenças, períodos ou parágrafos), que mantêm entre si uma relação semântica diversa, geralmente menos complexa.

Exemplo:

«Para que nós iríamos considerar o homem como uma ilha se eles não nos considera a mesma coisa». (Final por causal) (A-251)

«Ao compararmos, nós, seres humanos, com uma ilha veremos que as relações existentes entre ambas as coisas é muito diferente». (Temporal por condicional) (A-276)

«É certo que uma ilha sobrevive em meio a um oceano imenso, mas ela oferece condições para isso, é autosuficiente. Entretanto, o homem, a isto não pode ser comparado, ele não é autosuficiente». (Adversativa por aditiva) (B-1)

«Portanto, quando faço ou penso alguma coisa, devo levar em conta que sempre alguém sofrerá alguma consequência disto. Desta maneira nunca teremos o mérito exclusivo de qualquer grande feito.

Apesar disto, a nossa sobrevivência depende da comunidade em que vivemos e das trocas que realizamos». (Concessiva por aditiva) (C-85)

3º) A falha na explicação da relação semântica, pretendida pelo caráter incompleto de um dos enunciados, como por exemplo:

«Nenhum homem pode ser isolado da sociedade a que pertence. A menos que ele viva praticamente como num animal, pois isso é incompatível». (A-7)

Na Tabela VIII estão representados os tipos de desvios mais frequentes e sua distribuição por tipo de relação semântica, atualizada entre unidades dos três níveis considerados.

O aspecto mais importante das relações entre sentenças, períodos e parágrafos, representadas na Tabela VIII, é a maior frequência de desvios classificados como nonsense e de circularidade sobre os outros tipos. Tanto esses dois tipos de desvios, quanto os analisados como mudança abrupta de tópico e uso de um conectivo por outro, parecem apontar para uma estratégia básica de preenchimento das posições articuladas, hipotizadas como constitutivas de arcabouço previamente dado. Parece mesmo plausível tomar o caráter aleatório desse preenchimento, demonstrado pela frequência dos desvios acima mencionados, como definidor dessa ou dessas estratégias básicas e traduzíveis como:

- i. preenchimento com elementos de conteúdo qualquer extraído de área semântica nuclear ou periférica ao tema;
- ii. preenchimento com elemento de conteúdo idêntico ao da unidade anterior;
- iii. preenchimento com elemento de conteúdo dissociado daquele especificado pelo nexos explícito ou conectivo.

TABELA VIII — TIPOS DE DESVIOS E SUA DISTRIBUIÇÃO

Tipos de Relação e Posição	Colocação no Período e			Total de Erros	
	Nonsense	Circular	Parágrafo Outros		
Entre Parágrafos					
Conclusiva	8	9	1	6	24
Explicativa	2	6	5	6	19
Adversativa	5	1	0	8	14
Aditiva	10	9	13	13	45
Conseqüência	1	1	1	1	4
Não Interpretáveis	5	0	0	0	5
Entre Períodos					
Aditiva	9	3	8	1	21
Explicativa	7	3	2	2	14
Conclusiva	2	2	0	0	4
Adversativa	2	0	0	6	8
Conseqüência	0	1	0	1	2
Exemplificação	0	0	0	1	1
Comparação	1	0	0	0	1
Concessiva	0	0	0	1	1
Não Interpretáveis	11	0	0	0	11
Entre Sentenças					
Aditiva	4	0	0	0	4
Gerundiva	10	4	4	1	19
Explicativa	8	7	0	9	25
Final	3	2	0	0	5
Adversativa	6	2	0	4	12
Condicional	0	5	1	3	9
Comparativa	1	1	0	1	3
Temporal	1	0	1	1	3
Conseqüência	0	0	0	2	2
Conclusiva	1	0	0	0	1
Causal	0	0	0	1	1
Participial	0	0	1	0	1
Alternativa	0	0	0	1	1
Consecutiva	0	0	0	1	1
TOTAL	97	56	37	70	261

5. Conclusões

As conclusões que são possíveis, a partir dos dados acima analisados, advêm da interpretação dos seguintes resultados:

I. predomínio de aditivas e explicativas nos três níveis discriminados;

II. predomínio de subordinadas e, dentre os tipos de subordinadas, de subordinada gerundiva, nas relações entre sentenças do mesmo período;

III. presença de um grande número de conclusivas nas relações entre parágrafos;

IV. porcentagem alta de desvios entre as ocorrências de relações explicativas nos três níveis;

V. porcentagem alta de desvios entre as ocorrências de aditivas em dois níveis, a saber, no de relações entre períodos do mesmo parágrafo e no de relações entre parágrafos;

VI. porcentagem alta de desvios entre as ocorrências de subordinadas gerundivas;

VII. ausência de correlação entre a porcentagem de desvios e a posição da sentença no período, do período no parágrafo e do parágrafo no texto;

VIII. predomínio de desvios do tipo nonsense e de circularidade.

Dos fatos mencionados, nenhum parece favorecer a primeira hipótese apresentada na introdução a este

trabalho. Apesar da ausência de dados sobre a atuação oral dos sujeitos, pode-se, com efeito, afirmar que a tendência ao uso da subordinada e, em particular, de gerundivas, não deve ser característica dessa modalidade de atuação. O mesmo se pode também dizer com respeito à alta porcentagem de desvios encontrada no uso de relações que são, justamente, as predominantes.

Além disso, como foi mencionado anteriormente (Ver 4.1., 4.2. e 4.3.), a ausência de correlação, registrada na Tabela VII, constitui uma importante contra-evidência à hipótese de que as inadequações, na organização sintático-semântica da redação do vestibulando, resultem de estratégias reparatórias de transferência de regras de uso da modalidade oral ao discurso reflexivo escrito.

Os fenômenos descritos parecem, portanto, favorecer a segunda hipótese, isto é, a de que o principal fator de inadequação é a utilização, pelo vestibulando, de estratégias de preenchimento de um arcabouço ou esquema formal previamente dado ou inferido.

Esse arcabouço pode ser definido, tanto no nível do período, quanto no nível do parágrafo e do texto, pela tendência do vestibulando a manipular apenas um pequeno subconjunto de relações. A hipótese de

que esse pequeno subconjunto de relações constitua, na verdade, uma articulação de posições vazias, precariamente preenchidas, é corroborada pela alta porcentagem de desvios do tipo nonsense e de circularidade.

Análise efetuada sobre os enunciados permitiu que se entressem estratégias reparatórias semelhantes às formuladas acima, no preenchimento de segmentos maiores que o parágrafo. Desvios do tipo nonsense puderam ser detectados naquela parte da dissertação que o sujeito pretendia tornar a de desenvolvimento do tema. Nela vinham justapostos, à guisa de demonstração da asserção contida no título «Nenhum homem é uma ilha», tópicos como poluição, vacinação contra meningite, a campanha do MOBILAL. A circularidade, por sua vez, parecia ser o desvio característico, quer da parte pretendida como introdução, quer na conclusão, nas quais se notou a tendência, em pelo menos um grupo de sujeitos, à glosa do título.

A constatação desses fatos exigiria o levantamento dessas estratégias temáticas, assim como a comprovação da hipótese da existência de um arcabouço, previamente dado, sugere uma pesquisa no sentido de identificar sua origem ou o processo pelo qual ele é transmitido ou inferido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, J. 1939. An evaluation of various indices of linguistic development». *Child Development*, 8.
- BEVER, T. G. 1970. The cognitive basis for linguistic structures, in J. Hayes (Ed.) *Cognition and the Development of Language*.
- CAMPOS, M. F. *Emergência de manifestações lingüísticas de relações de causalidade*. (Trabalho em preparação).
- CARONE, F. B. 1976. O desempenho lingüístico dos candidatos ao vestibular. *Concordância Verbal. Cadernos de Pesquisa*, 19.
- CHOMSKY, C. 1969. *The Acquisition of Syntax in Children from 5 to 10*. Massachusetts, The M. I. T. Press.
- CLANCY, P., Acobsen, T. & Silva, M. 1976. The Acquisition of Conjunction. *PCLD*, 12.
- ERWIN-TRIPP, S. 1973. Some strategies for the first two years, in T. E. Moore (Ed.) *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York, Academic Press.
- HALLIDAY, M. K. 1975. *Learning How To Mean*. London, Edward Arnold.
- HUNT, K. W. 1970. Syntactic maturity in school Children and adults. *Monogr. Soc. Res. Ch. Devel.*, 35. nº 1.
- LEMONS, C.T.G. de 1975. *The use of 'ser' and 'estar' with particular reference to child language acquisition in Brazilian Portuguese*. Tese de doutoramento, Universidade de Edimburgo.
- MCNEILL, D. 1966. Developmental Psycholinguistics, in F. Smith & G. A. Miller (Eds.) *The Genesis of Language*. Massachusetts. The M.I.T. Press.
- MEIRA, I.M. 1977. *Coordenação na narrativa de crianças de 6 anos: aspectos semânticos e sintáticos*. Tese de mestrado. PUC/SP.
- OSAKABE, H. 1977. *Sobre o discurso narrativo*. Palestra apresentada nos Seminários do Projeto da Aquisição de Linguagem. Departamento de Lingüística, UNICAMP.
- RICHARDSON, K. et al. 1976. The Linguistic maturity of 11-year-olds: some analysis of the written composition of children in the National Child Development Study. *Journal of Child Language*, 2.
- ROSEN, H. 1969. *An investigation of the effects of differentiated writing assignments on the performance of a selected group of 15-16-year-old pupils*. Tese de doutoramento, Universidade de Londres.
- SLOBIN, D.I. 1973. Cognitive Prerequisites for the development of grammar, in C.A. Ferguson & D. I. Slobin (Eds.) *Studies of Child Language Development*. New York, Holt, Rinehart & Winston.
- VIGNER, G. 1974. *Techniques d'apprentissage de l'argumentation écrite. Le Français dans le Monde*, 109.

[Recebido para publicação em setembro de 1977]